

# GOFFMAN, DISCÍPULO DE MEAD?\*

Paulo Vinicius Baptista da Silva\*\*

## RESUMO:

O artigo analisa as relações entre os conceitos de dois autores do interacionismo simbólico, George Herbert Mead e Erving Goffman. A análise aponta como a teorização de Goffman representa continuidade e ruptura com as proposições de Mead, particularmente na teorização sobre o desenvolvimento do *self*. Interpreta que Goffman leva adiante a proposta teórica de Mead, ao realizar a análise detalhada de interações face a face em situações concretas. Apontamos elementos que nos levam a considerar a coincidência das propostas de Mead e de Goffman no plano ontológico, e nos planos epistemológico, metodológico e político, o trabalho de Goffman se ancorou nas proposições de Mead, mas se diferenciou e apresentou novidades.

## PALAVRAS CHAVE:

interacionismo simbólico, *self*, Mead, Goffman

\* Esta é uma versão revisada de trabalho de conclusão da disciplina "A Psicologia Social na perspectiva de G. H. Mead", ofertada pelo Prof. Odair Sass, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) da Universidade Federal do Paraná(UFPR). e-mail: paulovbsilva@uol.com.br

## ABSTRACT:

The paper analyzes the relations between the concepts of two authors of the symbolic interactionism, George Herbert Mead and Erving Goffman. The theoretical proposal of Goffman represents continuity and rupture with the proposals of Mead, according with our analysis. Particularly about the development of self. It interprets that Goffman ahead takes the proposal theoretical of Mead, when carrying through the detailed analysis of interactions face the face in concrete situations. We consider the coincidence of the proposals of Mead and Goffman in the ontologic plan. In the plans epistemológico, metodológico and politician the work of Goffman is still anchored in the proposals of Mead, it is differentiated and represents new features.

## KEYWORDS:

symbolic interactionism, self, Mead, Goffman

Neste artigo realizaremos o exercício de correlação entre conceitos de dois dos principais autores do interacionismo simbólico, George Hebert Mead e Erving Goffman. A partir da análise da obra de Mead “Espírito, persona e sociedade” (1973), da análise da teoria social do *self* elaborada por Mead, e de seus desdobramentos, chegamos ao trabalho de Erving Goffman. Este autor é parco em citações sobre Mead, em seus trabalhos. No entanto, dentre os desdobramentos teóricos observados na Psicologia Social norte-americana, seus escritos são, segundo nossa análise, os que revelam uma maior proximidade às propostas de Mead.

Inicialmente fizemos uma breve apresentação de George Herbert Mead e de pontos selecionados de seus escritos. Em seguida, apresentamos conceitos chave da obra de Goffman e discutimos a sua relação com as proposições inicialmente arroladas. Como o objetivo é a correlação dos escritos dos dois autores, o texto que segue é rico em citações literais, visando apresentar fragmentos do pensamento dos autores que são ilustração e justificativa das correlações propostas. Nas conclusões realizamos o exercício de relacionar as obras dos dois autores por meio do confronto de seus pressupostos básicos com a categorização realizada por Burrell e Morgan (1979) em duas dimensões paradigmáticas para a análise das teorias sociais: objetivo-subjetivo e ordem-conflito.

## Mead e sua teoria do self

George Herbert Mead nasceu em 1863 e faleceu em 1931. Foi professor na recém criada Universidade de Chicago, onde lecionou durante anos um curso de psicologia social (Munné, 1989). Não chegou a sistematizar suas propostas em vida, o que foi realizado postumamente, quando seus alunos e discípulos compilaram uma série de anotações de aula (taquigrafadas em sua maior parte), do curso de psicologia social que ministrava, de palestras e de alguns de seus artigos e editaram a obra *Self, Mind and Society* (1934, tradução espanhola, *Espírito, persona y sociedad*, 1973). Mead dedicou-se a refletir sobre a consciência, para ele a característica distintiva da espécie humana. Marcado pelo seu interesse em filosofia e pelo estudo na Alemanha, apresentou um pensamento com fortes particularidades, influenciado por Kant, Marx e particularmente Hegel. Foi um dos principais precursores da Psicologia Social, e sua obra foi “redescoberta” nos anos 50 do século passado (Munné, 1989).

Como participante do pragmatismo americano considerou a racionalidade do homem como capaz de modificar e dirigir o curso da evolução humana. É notável a defesa da racionalidade como forma de contrapor-se à guerra, em sua crítica ao artigo de Willian James sobre a 1ª Guerra. Também sua convicção sobre o modelo de democracia americano como fruto da racionalidade e, portanto, capaz de resolver as

dificuldades sociais e servindo de modelo para uma “sociedade universal” (MEAD, 1973, p.302) calcada em acordos racionais que tem a Liga das Nações como protótipo. Ou na discussão que realiza sobre os imperativos categóricos de Kant, no texto “Fragmentos sobre ética” (MEAD, 1973, p.381-390), onde propõe a “realização” das idéias formuladas por Kant.

Mead pensava que a sociedade exerce um enorme poder sobre os indivíduos, obrigados a satisfazer às expectativas sociais a eles impostas em razão de seu gênero, sua idade e outras variáveis. Mas também pensava que as pessoas não estão inertes frente a este poder, pois, dada sua capacidade simbólica, sempre podem imaginar outra realidade, outros cenários sociais, e podem reagir, individual ou coletivamente, para fazê-los realidade.

Para Mead, a consciência é formada a partir da interação com o outro, da interação social. Sass (1992) considera que esta posição de Mead é referência do pensamento de Hegel, particularmente da dialética do senhor e do escravo apresentada no texto “A fenomenologia do espírito”. Mead (1973) considera que a gênese do processo interativo humano está no gesto. Parte das análises de Wundt e Darwin sobre o gesto e as ações. Discute a contribuição de Wundt sobre a concepção de gesto como parte de uma ação social, em situações de interação, onde as ações são reciprocamente reguladas, como em uma luta de cachorros, uma luta de boxe ou disputa de esgrima. Mas além deste nível, os gestos que têm significado social são muito mais importantes para as possíveis adaptações de sujeitos envolvidos em uma situação de interação social:

Em resumo, a conversão de gestos conscientes ou significantes é um mecanismo muito mais adequado e eficaz de adaptação mútua dentro do ato social - já que envolve a adoção, por cada um dos indivíduos que as levam a cabo, das atitudes dos outros em relação a ele - que a conversação de gestos inconscientes ou não significantes” (Mead, 1973, p. 89<sup>1</sup>).

A evolução de gestos corporais para gestos vocais, e a conversão destes em símbolos-significantes, produzem uma capacidade além da antecipação do comportamento do outro. O executor pode perceber externamente o gesto verbal e, em conseqüência, reagir perante o seu próprio ato. A adoção da atitude do outro pela mente ou pela conduta de um, é a responsável pela gênese e existência dos símbolos e gestos significantes, como também da gênese e existência da mente ou consciência. “A existência da mente ou da inteligência só é possível em termos de gestos como

---

1 Trabalhamos com a tradução espanhola, originalmente publicada em 1973, e todas as citações literais são nossas.

símbolos significantes” (Mead, 1973, p. 90). O pensamento é considerado como interação simbólica internalizada, como uma conversa consigo mesmo.

Ao discutir a relação dos gestos expressos por um indivíduo e sua relação com as respostas que provoca nos outros organismos, Mead advoga a universalidade dos símbolos. “Não se pode dizer nada que seja absolutamente particular; qualquer coisa que alguém diga, que tenha alguma significação, é universal” (1973, p. 177). As expressões dos indivíduos por meio de tais universais envolvem símbolos que provocam no outro a mesma reação que provocam no emissor. Um sujeito que utiliza de determinados símbolos para comunicar-se supõe que estes provocarão em outros a mesma reação que provocam nele mesmo. De forma análoga, uma pessoa que diz algo, está dizendo a si mesmo aquilo que diz aos demais. No entanto, nem sempre as reações provocadas no sujeito são as mesmas suscitadas nos outros. Mead, apresenta alguns exemplos de tais situações, particularmente quando o sujeito tem a intenção deliberada de provocar determinadas reações aos símbolos que evoca. Cita o caso dos atores que, de forma consciente, usam dos símbolos para suscitar determinadas reações e emoções na platéia. E correlaciona a atuação no cotidiano com as representações teatrais: “Em ocasiões atuamos e nos perguntamos que efeito terá nossa atitude, e é possível que empreguemos deliberadamente certo tom de voz para provocar certo resultado” (1973, p. 178).

A proposta do “condutismo social” deve, segundo Mead, defrontar-se com a inteligência reflexiva. A conduta reflexiva emerge somente sob condições da consciência de si. A estruturação da inteligência reflexiva permite ao indivíduo a organização e o controle de suas próprias condutas, em função de uma leitura dos dados de realidade do contexto em que está inserido. “A organização do *self* é, simplesmente, a organização, pelo organismo individual, da série de atitudes sobre seu meio social que está em condições de adotar.” (1973, p. 128).

O *self*, uma dimensão da personalidade composta pela consciência que um sujeito tem de si mesmo, é conceito chave. Para Mead é fundamental a idéia que o *self* não pode existir à margem da sociedade, devido à: em primeiro lugar, porque o *self* nasce com a experiência social. O *self* não é algo puramente biológico, não é parte do corpo humano, nem nasce com o indivíduo. Sem contato social, o corpo pode se desenvolver, mas não o *self*. “...é impossível conceber um *self* surgido fora da experiência social” (MEAD, 1973, p. 172). Ele nasce e se desenvolve unicamente a partir da experiência social. São exemplos de não desenvolvimento do *self* os casos de crianças isoladas, como as meninas lobo na Índia, o caso de Kasper Hauser, ou o de Helen Keller, citado por Mead. Essa personagem reconheceu que somente após a entrada em contato com outras pessoas por meio da comunicação foi construído o seu conteúdo mental.

Em segundo lugar, Mead definiu a experiência social como o intercâmbio simbólico. Por meio da linguagem ou de gestos, as pessoas criam significados, algo que só a espécie humana pode fazer. Os seres humanos entendem o significado das ações de outros indivíduos, inferindo as intenções que existem por trás destas ações, às interpretando. Finalmente, Mead propôs que para entender as intenções latentes às ações de outra pessoa, o indivíduo deve imaginar a situação na perspectiva desta outra pessoa. A comunicação é quem proporciona ao indivíduo poder converter-se em objeto para si mesmo. Graças a nossa capacidade de criar e usar símbolos, somos capazes de “separarmo-nos de nós mesmos” e de nos imaginarmos na pele de outras pessoas. Por isto podemos antecipar qual vai ser a reação das outras pessoas às ações que vamos empreender ou às coisas que vamos dizer. A interação social requer que vejamos a nós mesmos desde a perspectiva das pessoas com quem estamos interagindo, isto é, solicita que nos coloquemos no lugar do outro.

A capacidade de ver-nos a nós mesmos por meio dos outros implica que o *self* apresente dois componentes: o *eu* e o *mim*. O *eu* refere-se ao sujeito que empreende a ação. Os seres humanos são entidades ativas, capazes de atuar espontaneamente e por iniciativa própria. O *mim* se refere ao *self* como objeto, na medida em que formamos uma imagem de nós mesmos nos olhando pelos outros. “O ‘*eu*’ é a reação do organismo às atitudes dos outros; e o ‘*mim*’ é a série de atitudes organizadas dos outros que alguém adota” (1973, p. 202). A interação social é um diálogo contínuo entre o *eu* e o *mim*. O *eu* empreende uma ação, mas não a faz de forma aleatória, toma em consideração ou antecipa a reação de outras pessoas, o que corresponde ao *mim*.

Em acordo com Mead, no mesmo ato de pensamento fazemos intervir os dois componentes. Os pensamentos são em certa medida espontâneos, mas ao mesmo tempo nos representamos a nós mesmos, nos tomando como objeto. O ser humano apresenta a capacidade de interagir consigo mesmo, e assim avaliar e orientar suas ações, em um contexto de interação determinado. A estrutura de *self* possibilita a reflexividade dos indivíduos, que faz do sujeito um objeto para si mesmo, quando toma as condutas dos demais sobre si mesmo e vê-se refletido em tais. A característica de tomar-se como objeto, “...está representada pelo termo ‘si mesmo’, que é um reflexivo e indica o que pode ser ao mesmo tempo sujeito e objeto” (1973, p.168). A existência do “*eu*” e do “*mim*” é determinada por sua reciprocidade, isto é, a existência de um depende do outro. O processo de interinfluência de um no outro reside no pensamento, e está diretamente relacionado às demandas adaptativas apresentadas pelas situações sociais. “Os dois (*eu* e *mim*), tais como aparecem em nossa experiência, constituem a personalidade. Somos indivíduos nascidos com certa nacionalidade, situados em determinado ponto geográfico, com tais e quais relações familiares e tais e quais relações

políticas. Tudo isso representa certa situação que constitui o '*mim*'; mas isto envolve necessariamente uma ação continuada do organismo frente ao '*mim*' " (1973, p. 209). A existência do confronto entre o *eu* e o *mim* forma a personalidade, no sentido de respostas refletidas ao entorno social. Mead, afirma que a não existência das duas instâncias determinaria respostas diretas, como dos cavalos ou cachorros e, portanto, a ausência de "personalidade" no sentido que propõe. O *eu* reage às atitudes organizadas dos outros (ao *mim*).

O '*eu*' é a reação do indivíduo à atitude da comunidade, tal como tal atitude aparece em sua consciência" (1973, p. 221) "... o organismo individual adota as atitudes organizadas dos outros provocadas por sua atitude, e ao reagir a essa reação provoca outras atitudes organizadas nos outros da comunidade a qual pertence o indivíduo. (MEAD, 1973, p. 213).

Portanto, há um jogo constante de interações e modificações provocadas em ambos os pólos das interações *eu-mim*, e indivíduo-comunidade. Mead discute as influências do entorno social sobre o indivíduo, exemplificando com situação sobre a moda. Descreve a possível adesão do indivíduo, em processo gradativo, a formas de atuação compatível com a do grupo em que está inserido, sem se dar conta, isto é, sem ter consciência, de como o processo ocorre.

A aquisição de consciência é um processo posterior, que possibilita, no caso dado, duas formas de conduta opostas: o sujeito pode aderir à moda porque avalia ser para ele importante estar em acordo com os outros do grupo, ou pode manifestar sua intenção de ser diferente ao se vestir de forma alheia à moda. "Este reconhecimento do indivíduo como pessoa, no processo de utilizar sua consciência de si, é o que proporciona a atitude de afirmação de si ou a atitude de dedicação à comunidade. Converteu-se, então em uma pessoa definida" (1973, p. 219). No caso dos esportes e instituições sociais, Mead alerta que existem grupos de condutas determinados que respondam a quaisquer atitudes dos indivíduos.

Outro ponto analisado pelo autor, é a relação entre o "*eu*" e o "*outro*". O reconhecimento de si mesmo precisa do reconhecimento do "*outro*", e, continua Mead, o reconhecimento de si mesmo nos outros e dos outros em si mesmo. Exemplifica com uma situação de interação em uma rua de um indivíduo com outra pessoa que não reconhece. A atitude tomada frente a esta é determinada pelo reconhecimento que se tem nesta comunidade sobre as regras de convivência e relação com o "*outro*". "A pessoa é o outro, o outro organizado, generalizado se se prefere. Um adota sua atitude, em contraste com a pessoa do '*outro*'. (1973, p. 221) E continua o autor "A pessoa que é capaz de se manter em comunidade é reconhecida nesta, na medida em que reconhece

aos outros" (1973, p. 221). Está implicada neste reconhecimento a relação entre o *eu* e o *mim*, como numa situação em que um sujeito responde de uma forma inusitada a uma situação social, por exemplo, defendendo seus direitos em determinada ocasião.

Tal réplica nova à situação social envolvida em uma série de atitudes organizadas constitui o '*eu*', em contraste com o '*mim*'. O '*mim*' é um indivíduo convencional, habitual. Está sempre presente. .... Mas o indivíduo reage constantemente a tal comunidade organizada, expressando-se a si mesmo" (1973, p. 222).

Mais adiante:

Agora bem, esta reação do indivíduo ao '*mim*' organizado, ao '*mim*' que em certo sentido é somente um membro da comunidade, é o que representa o '*eu*' na experiência da pessoa. Os valores relativos do '*mim*' e do '*eu*' dependem da situação (MEAD, 1973, p. 223).

Mead insiste na relação entre os dois componentes do *self*, indicando ocasiões em que algum deles se sobressai, mas sem deixar de apontar que os dois são essenciais para a estrutura da personalidade. Atribui o processo de mudança que pode atingir a própria comunidade, às reações constantes do indivíduo à comunidade.

Como relatado acima, ele propõe que o desenvolvimento do *self* seja determinado pela experiência social. "O *self* é algo que não está presente inicialmente, no nascimento, mas que surge no processo da experiência e de atividades sociais" (1973, p. 167). Está descrito a seguir o processo de desenvolvimento do *self* tal como proposto por Mead. Inicialmente o *self* não é capaz de colocar-se no lugar do outro. Num primeiro momento, as crianças não são capazes de criar ou usar símbolos, e são carentes do *self*. Na etapa imitativa as crianças interatuam com os outros sem entender os propósitos ou intenções que estão por trás destas ações. Simplesmente imitam.

A partir da familiarização com o mundo dos símbolos, as crianças passam aos jogos imitativos. Num primeiro momento, brincam/jogam com representações daqueles que são importantes em suas vidas, os chamados "*outros significativos*" por Mead. Nas situações de jogos, as crianças aprendem a ver-se desde um ponto de vista externo. Mead cita o papel do "dublê" em "povos primitivos" com finalidade análoga ao que cumpre para as crianças, de organizar as reações que provocam a si mesmo concomitante ao que provocam nos outros. O amigo imaginário cumpre a função de "dublê" para a criança. Os jogos onde a criança "interpreta" papéis antecedem aos esportes organizados. "A criança brinca de ser uma mãe, um professor, um policial; quer dizer, adota determinados papéis" (1973, p. 180).

Pouco a pouco, as crianças aprendem jogos mais complexos, que consistem em por-se no lugar de várias outras pessoas. Isto permite, por exemplo, passar de atirar a bola para o jogo de futebol, onde é necessário ter em conta as posições e antecipar as reações dos jogadores de ambas as equipas. Aos sete/oito anos às crianças, em geral, apresentam experiência social suficiente para poder participar em jogos de equipa, que exige assumir o papel de todos que estão atuando nesta situação concreta. Nos esportes, particularmente, e também nas demais atividades sociais organizadas, a criança passa a apreender a organização das condutas de todos os comprometidos numa mesma atividade ou processo. Nestas atividades, a capacidade de funcionamento de um indivíduo depende de seu conhecimento das complexas relações de papéis entre os diversos participantes. Mead cita o caso de uma criança que, em determinado momento, está numa determinada base num jogo de beisebol. Se não tiver em mente os papéis de todos os envolvidos no jogo, ou no mínimo de três ou quatro papéis com os quais terá interação direta, não conseguirá desempenhar adequadamente suas funções.

Além da capacidade de atuar adequadamente em esportes, o sujeito passa a ser capaz de ver-se a si mesmo desde a perspectiva de muitas outras pessoas, conhecidas ou desconhecidas, e em mais de uma única situação. Em outras palavras, neste momento, começamos a reconhecer as normas e valores que são válidos para o resto das pessoas de nossa sociedade e a incorporá-las em nosso *self*. Mead utilizou o termo "*outro generalizado*" para referir-se a tais normas e valores culturais amplamente aceitos que nos servem de base para avaliarmos a nós mesmos. Numa situação de esporte, a equipa representa este "outro", visto que organiza as condutas dos que estão envolvidos no processo de jogar. Mas o desenvolvimento pleno do indivíduo supõe a possibilidade de incorporar as atividades de qualquer "todo social dado", equipas, grupos, empresas, famílias, etc. "somente na medida em que adote as atitudes do grupo social organizado ao qual pertence, até a atividade social organizada, cooperativa, ou até uma série de atividades nas quais esse grupo está ocupado, somente nesta medida se desenvolverá uma pessoa completa" (1973, p. 185). As situações de interação são complexas pois envolvem a adoção das atitudes dos outros indivíduos em relação a si mesmo, ao mesmo tempo em que, junto com estes outros indivíduos, são parte de grupos sociais ou sociedades que possuem conjuntos estabelecidos de normas e regras às quais devem atender. O indivíduo humano, portanto, adota as atitudes sociais organizadas de grupo a que pertence. Mead cita a participação em comunidade ou parte desta, com a assunção de determinadas atitudes em face de problemas sociais que o grupo enfrenta, e exemplifica com a participação em partido político, como assunção consciente do indivíduo das "atitudes organizadas de todo este partido" (1973, p. 186). Em uma sociedade complexa, continua Mead, um indivíduo participa de certos grupos sociais

concretos (partidos, clubes, corporações, citados por Mead) e de outros abstratos (exemplos dados por Mead são grupos de credores e de devedores, com finalidades próprias, citamos os exemplos de grupos de gênero, raça, de doentes mentais, de “excepcionais”, de “deficientes físicos”). O autor explicita as possibilidades diversas que tais participações possibilitam ao sujeito: “A participação do indivíduo dado em várias dessas classes ou subgrupos sociais abstratos possibilita sua entrada em definidas relações sociais (por indiretas que sejam) com uma quantidade quase infinita de outros indivíduos que também pertencem à - ou estão incluídos em - uma ou outra destas classes ou grupos sociais abstratos, que atravessam as linhas funcionais de demarcação que separam as distintas comunidades sociais humanas umas de outras, e que incluem a membros individuais de várias (em alguns casos de todas) de essas comunidades” (1973, p. 187).

É significativa também a advertência de Mead sobre as possibilidades múltiplas de conduta que um indivíduo apresenta. Em experiências sociais determinadas, os indivíduos apresentam certa gama de condutas, ao mesmo tempo em que omite outras. “... boa parte da pessoa não necessita expressão. Estabelecemos toda uma série de distintas relações com diferentes pessoas. Somos uma coisa para um homem e outra para outro. Há partes da pessoa que existem somente para a pessoa em relação consigo mesma” (1973, p. 174). Portanto, os indivíduos apresentam possibilidades várias de conduta, as quais são manifestas em função da interação com outros determinados e da situação ou contexto social a que estão submetidos. Mead não deixa de relacionar os aspectos apresentados pelo indivíduo com a situação social da qual participa. Propõe que a personalidade é formada por vários *selves*, que são aspectos diferentes que respondem a distintos aspectos da estrutura social.

O processo de socialização não termina com o alcance da última etapa. À medida em que os indivíduos acumulam novas experiências e desenvolvem-se socialmente, o processo de socialização continua. Por isto, ao longo da vida, o sujeito vai reformulando a imagem que possui de si mesmo. O indivíduo incorpora as regras e normas da comunidade ou grupo a que pertence. O desenvolvimento do *self* é alcançado pela organização das atitudes individuais de outros nas atitudes organizadas socialmente. “A organização das atitudes comuns ao grupo é o que compõe o *self* organizado” (1973, p. 191). A adoção da linguagem e a incorporação das regras sociais são as bases de organização da personalidade. A formação de uma “pessoa de caráter”, termos que utilizamos para referirmo-nos a pessoas que pautam sua conduta em normas morais bem determinadas, é expressão do “outro generalizado” de Mead.

Há porém uma capacidade do indivíduo de manter um certo controle sobre as modificações que vão ocorrendo a partir de sua inserção em distintos grupos sociais, à

medida em que a respostas às modificações são refletidas pelo sujeito. O emprego da inteligência reflexiva denota que o sujeito não somente internaliza tais regras pelo uso e observação, mas constrói referências próprias em seu *eu*, a partir da reflexão sobre as atitudes, as normas que as regem e o que representam para os grupos determinados, como descrito anteriormente sobre a relação *eu/mim*.

## Goffman, continuador de Mead

“Erving Goffman é uma mistura de microsociólogo, psicólogo social, etnólogo e etólogo humano” (Munné, 1989, p. 291). Doutorou-se pela Universidade de Chicago, e ensinou sociologia e etnografia nas Universidades de Berkeley e da Pensilvânia. Suas obras traduzidas ao português e de maior circulação em nosso país são: *A representação do eu na vida cotidiana* (1975, original de 1959), *Manicômios, Prisões e Conventos* (1972, original de 1961) e *Estigma, Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (1988, original de 1963).

Na obra *“A representação do eu na vida cotidiana”*, Goffman analisa as várias representações que o indivíduo apresenta a si mesmo e às outras pessoas, os meios pelos quais ele regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer diante delas. O foco de análise é dirigido para a interação face a face, e o autor utilizou-se de metáforas sobre a representação teatral para descrever tais interações. A tese central é, portanto, que os indivíduos em situação de interação “representam” de forma similar ao realizado pelos atores em uma peça teatral. O trabalho de descrição destas representações lança mão de outros conceitos relacionados ao teatro, com os de “desempenho”, “cenário”, “expressão” e “platéia”.

O fluxo de interações em situações sociais determinadas, em “estabelecimentos sociais”, conforme expressão do autor, é descrito e analisado com referência ao constructo de “representação” teatral. São descritos fatores antecedentes à representação, como as primeiras impressões de um novo participante em um grupo. Segundo Goffman (1975) os participantes do grupo formam sua opinião a partir de informações anteriores que disponham, e a partir das impressões que o “novato” apresenta. O novo participante, por sua vez, tem o interesse de causar determinadas impressões sobre os integrantes do grupo, e tentar regular a conduta destes, particularmente a forma como estes o tratam.

A representação comporta, de um lado, as necessidades e as expectativas daquele que “representa” e, de outro, a inter-influência com o “outro” e com a “platéia”. Num fluxo contínuo de interação o sujeito está atento às impressões que causa nos outros, e às manifestações e expectativas destes. Há, portanto, um componente de ilusão, de causar impressões em acordo com intenções determinadas.

Nota-se que a investigação e a análise realizada por Goffman estão ancoradas na proposição de Mead, acima apresentada, sobre a multiplicidade de possibilidade de condutas de um indivíduo, que em situação social determinada apresenta uma gama de tais condutas ao mesmo tempo em que omite outras; sobre as possibilidades de um indivíduo, que, em situação social determinada, apresenta-se de formas diversas.

Goffman leva adiante os supostos de Mead, ao realizar a análise detalhada de interações face a face em situações concretas. Vejamos alguns conceitos e as metáforas que retira do teatro, tais como o grupo que nomeia de *cínicos*: pessoas que fazem acreditar na impressão ilusória ou de interesse pessoal de seus atos, por auto-interesse; a *idealização*: impulso de nos mostramos melhores ou idealizados por nós mesmos; a *platéia*: tem tendência em aceitar os sinais do ator, mas pode também manipular o ator à medida em que a interação se desenvolve; a *mistificação*: respeito para com determinado papel, que geralmente mantêm-se distante. Fica nítido que Goffman vai além de Mead, ao descrever com mais detalhes, e lançar mão de novos conceitos; no entanto, ele o faz ao levar às últimas conseqüências as hipóteses formuladas por Mead. Voltemos à descrição de Mead sobre os jogos de equipe e a interação do indivíduo num contexto onde deve verificar a atuação de diversos atores, e sua interrelação. A discussão realizada por Goffman (1975, p. 76-100) no capítulo intitulado “Equipes” demonstra a afirmação anterior. O que este faz é a descrição de situações de interações de múltiplas pessoas, onde cada um deve ser capaz, como afirmou Mead, de ver a si mesmo desde a perspectiva de vários outros e pautar sua própria conduta em função dos acordos sociais. O que há de novo, em relação à teorização de Mead, “no capítulo em pauta” é a aplicação dos conceitos derivados da linguagem teatral.

É significativa a discussão da obra “A representação do eu na vida cotidiana”, pois nela estão contidos os pressupostos básicos da obra de Goffman. Muitas vezes os leitores de suas obras editadas no Brasil colocam em um mesmo nível de significado as três obras. Mas se verificamos os comentários sobre a teorização de Goffman, sua primeira obra é considerada a fundamental, pois foi o seu “enfoque dramático” (MUNNÉ, 1989) seguido em uma série de obras (Encounters, 1961; Behavior in public places, 1966; Interaction Ritual, 1967; Relations in public, 1971; Frame analysis, 1974; Forms of Talk, 1981). A interação face a face que trata na “A representação...” é pauta de uma série de outros estudos. O constructo principal de Goffman, que Munné utiliza para anunciar a sua contribuição, fazendo alusão à dramaturgia, foi anteriormente anunciado por Mead. Temos um exemplo em trecho citado acima, quando descreve o desenvolvimento do *self* na criança, que “interpreta” papéis sociais distintos. Lembramos ao leitor outra citação transcrita acima, na qual Mead manifesta a possibilidade de compreender a interação social como atuação teatral. Com pedido de desculpas,

transcrevemos novamente parte do trecho: “Em ocasiões *atuamos*<sup>2</sup> e nos perguntamos que efeito terá nossa atitude” (1973, p. 178). Paralelo às obras citadas, Goffman publicou as obras que mais se difundiram no Brasil, “Estigma” e “Manicômios, prisões e conventos”, que são a análise da interação social em situações sociais particulares. Em “Estigma”, o estudo da interação face a face de “estigmatizados” e “normais”. Em “Manicômios...” as particularidades das interações realizadas no âmbito de “instituições totais”. São obras importantes justamente por tratarem de contextos determinados, pois trazem elementos valiosos para a compreensão das interações sociais em tais contextos.

Antes de iniciarmos a discussão do texto “Estigma”, faremos breve alusão ao “Manicômio, prisões e conventos”. Um conceito chave que Goffman apresentou na obra é o de “instituição total”. São as organizações que isolam grupos de indivíduos do resto da sociedade com o objetivo de manipular sua consciência. Segundo Goffman, as instituições totais apresentam três características distintas: Há uma distinção clara entre o pessoal que trabalha na organização, cuja função é de despojar os internos de sua própria personalidade. O conseguem controlando todas as dimensões de vida dos internos e privando o seu direito à intimidade. Em segundo lugar nas organizações totais se busca uniformidade em tudo o que concerne à vida dos internos: as roupas que vestem, os quartos ou celas que ocupam, a alimentação, etc. Em terceiro lugar, todas as atividades da vida diária (a comida, o tempo de trabalho, etc.) estão minuciosamente regulamentadas, de tal modo que os internos carecem de qualquer iniciativa pessoal para conduzir suas vidas. No aspecto físico, os muros altos, janelas gradeadas, alambrados elétricos, torres de vigilância, etc., são marcas comuns. O isolamento total do mundo exterior é requerido pelas organizações totais.

A “ressocialização” dos internos é um processo que conta com duas etapas. Na primeira ocorre o que Goffman denominou de “mortificação do eu”, que consiste em humilhar, degradar, enfraquecer e profanar a identidade do interno. Este processo inicia-se por meio de procedimentos como recolher na entrada os pertences pessoais e roupas, para lhe cortar o cabelo de forma semelhante, vestir uniformes iguais e utilizar do mesmo material de higiene pessoal que os outros. As inspeções diárias, de quartos, celas e pessoais, os exames médicos, a determinação de um número a cada um, são medidas da “mortificação do eu”. Na segunda etapa procura-se que o interno assuma uma nova identidade, uma nova concepção de si mesmo. O controle de atividades e a manipulação de comportamentos por meio de punições ou prêmios é importante para tal. Os internos que oferecem algum tipo de resistência, mesmo passiva, recebem punições e novas humilhações, e muitas vezes o controle do tempo de permanência

---

2 Grifo nosso.

na organização é determinado por avaliações do pessoal organizador, o que força ainda mais os internos a seguirem as normativas. Vemos aqui o interjogo constante entre o “eu” e o “mim” de Mead, no qual o controle do meio social, das atitudes organizadas do outro, visa modificações determinadas no indivíduo, nas reações às atitudes do outro que adota. A “reabilitação” pretendida muitas vezes não é alcançada, pois os indivíduos apresentam os comportamentos de “recuperados” somente no interior da instituição (adotando a linguagem de Mead, as atitudes do “eu” manifestam-se em relação as do “mim”), e muitas vezes saem ressentidos ou confusos. Há ainda os danos à capacidade da pessoa de governar sua própria vida e de fazer frente aos problemas do mundo exterior, que muitas vezes são resultado de longos períodos de internamento.

Goffman apresenta dados empíricos que demonstram como tais instituições realizam, propositalmente, um efeito oposto ao que Mead apregoava para as instituições sociais, de poderem propiciar aos indivíduos condições de agir/reagir calçados na reflexão. A capacidade de desenvolver o *self*, de agir em acordo com a reflexão sobre o papel do outro, dos valores e de si mesmo, é embotada neste tipo de instituição. Por meio de artifícios usados nas instituições totais, a opressão e a submissão forçada tentam manter os indivíduos sobre controle absoluto. Conseguem isto parcialmente, pois a capacidade simbólica faz com que os indivíduos criem estratégias próprias de relação, como, por exemplo, demonstrado por Goffman nas formas que o indivíduo utiliza, nas instituições, de bens ou serviços do outro: coerção particular, troca econômica e intercâmbio social. A realização de Goffman, como ele próprio afirma (1974, p. 112), é estudar e apresentar uma interpretação sobre o desenvolvimento do *self* nas instituições totais.

Na obra “Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” (1988) Goffman propõe-se a estudar os “contatos mistos”, a interação social entre indivíduos que conceitua como possuidores de “estigma”, e os que não apresentam tais atributos, ou não os têm socialmente reconhecidos, que denomina de “normais”. Com a própria proposta da obra, podemos relacionar a teorização de Mead sobre as reações do “eu” às atitudes organizadas dos outros (ao “mim”). No caso, a interação entre o “eu” e o “mim” em um contexto determinado, onde há uma “marca” registrada sobre o indivíduo. O termo estigma é retirado da história da Grécia antiga, quando era utilizado para referir-se a sinais corporais que apontavam algo “de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava” (1988, p. 11). O autor, orientado para as relações face a face, discute as expectativas em relação ao comportamento do outro que existem nestas relações. Como citado acima, o papel do “outro” para a organização do indivíduo é problema central e foi detalhadamente discutido por Mead. Goffman, numa situação em que um indivíduo é apresentado a outro, aponta que este prevê uma série de atributos daquele em acordo os primeiros aspectos que aquele apresenta.

O conjunto de tais atributos é denominado *identidade social*. Goffman afirma que em situações como esta (contato inicial com outrem) em geral transformamos as preconceções em expectativas normativas, mantendo exigências rigorosas sobre as condutas do outro. Tais expectativas e exigências configuram o que ele denomina de *identidade social virtual*. O indivíduo em interação poderá comprovar ou desmentir as expectativas, apresentando sua *identidade social real*. Nos casos em que o indivíduo apresenta determinado atributo indesejável, que o descredencia para a relação, apresenta um estigma. A definir o uso que fará do termo estigma, Goffman afirma "O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade a outrem..." (1988, p.13). E mais adiante "Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo" (1988, p. 13). Um indivíduo apresenta determinado atributo que o desvaloriza, e outro com quem mantém contato irá percebê-lo estereotipadamente, isto é, somente por meio do atributo indesejável, sem possibilidade de perceber suas demais características. Goffman enumera três grupos de estigmas mais comuns na sociedade americana de sua época (são grupos bastante gerais, que podem ser descritos como presentes na sociedade ocidental): as deformidades físicas; as "culpas individuais" que configuram as doenças mentais, homossexualismo, alcoolismo, desemprego, prisão; os estigmas de raça, nação e religião.

Dois conceitos fundamentais para a obra "Estigma...", os de *identidade social virtual* e *identidade social real*, podem ser vistos como ancorados nas formulações de Mead. O papel do outro, daquele com o qual alguém interage, é elemento que influencia fortemente suas condutas. O jogo presente nas interações sociais foi ponto de partida e objeto de ampla discussão por Mead, por exemplo, na diferenciação que faz nas condutas interativas humanas com as lutas animais. Também a proposta de formação da identidade por vários *selves*, aspectos distintos que correspondem a diferentes aspectos da estrutura social, pode ser entendida como fundamento para a proposição de *identidade social virtual* e *real*. Goffman têm a sagacidade de aplicar estas idéias ao campo das interações de pessoas que apresentam algum "estigma". Notemos que Mead já havia proposto que as várias possibilidades de conduta de um indivíduo são manifestas em função da situação ou contexto social a que está submetido. Uma vez mais Goffman vêm a dar continuidade às formulações de Mead, e o faz de forma muito apropriada, apresentando como resultado um texto de grande significado. Mead apresenta a discussão sobre o constante jogo de interações e modificações que ocorrem de forma recíproca nos pólos eu-mim e indivíduo-

comunidade. Goffman analisa com detalhes formas específicas de tais modificações nas interações entre sujeitos estigmatizados e “normais”.

As diversas possibilidades de conduta que Mead apontou, relacionadas aos aspectos da situação social da qual um sujeito participa, são levadas adiante quando Goffman discute as diferentes formas de reação e interação dos indivíduos “desacreditados” e “desacreditáveis”. Goffman discute como os estigmas interferem nas interações sociais, particularmente nas relações entre sujeitos que apresentam alguma características indesejável com quem não as apresenta. As relações serão distintas nos casos em que um determinado indivíduo apresente nitidamente ou já seja conhecida sua condição (Goffman nomeou este grupo de desacreditados), e um indivíduo que apresente uma características que não seja imediatamente identificável (os desacreditáveis). As diferentes formas de reação dos sujeitos de ambos os grupos, em situações sociais mistas, são descritas e analisadas. Por exemplo, um sujeito que apresenta uma característica facilmente identificável, como a cegueira, como reage em interação com os “normais”, qual a influência destes sobre o seu auto-conceito e suas condutas. Ou um ex-presidiário, quando e como irá revelar sua condição; qual será a reação dos outros face esta informação, etc.

Analisando diversos casos e situações, o autor elabora o conceito de “carreira moral”, que é uma seqüência de experiências semelhantes pela qual passam pessoas em função de apresentarem um determinado estigma. Discute as possíveis decorrências de tais experiências para a organização de identidade do indivíduo. “Uma das fases deste processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as conseqüências de possui-lo.” (Goffman, 1988, p. 41). O autor descreve quatro situações distintas de “carreiras morais”, reconhecimento pelo sujeito de sua condição de estigmatizado: Os que possuem estigma congênito e são socializados na condição de estigmatizados; os que são mantidos em uma “cápsula protetora” pela família e círculo próximo, nos primeiros anos; os que se tornam estigmatizados numa idade avançada; e os que são socializados numa sociedade diferente e posteriormente entram em contato com novo tipo de sociedade. Os indivíduos passam por um processo, de formas e em momentos distintos, de reconhecimento e por vezes incorporação da sua condição de estigmatizado e das limites impostos nas interações sociais. Podemos pensar em tais situações como desdobramentos da teorização sobre o desenvolvimento do *self*, aplicado ao contexto determinado dos indivíduos estigmatizados. A grande contribuição de Goffman é a discussão sobre aspectos específicos da

96

constituição do *self* em pessoas estigmatizadas, sendo a análise sobre as distintas possibilidades de “carreira moral” um bom exemplo. De tal forma, o autor está discutindo as possibilidades de relação entre o “eu” e o “mim”, as formas de reação do indivíduo às atitudes organizadas da comunidade onde está inserido, e sua teorização é ao mesmo tempo uma continuidade e uma novidade.

Outro ponto pode ser tomado como exemplo desta continuidade e ruptura de Goffman em relação a Mead. Ao analisarmos o desenvolver da obra “Estigma...” verificamos que o conceito de “outro” é central para a teorização de Goffman. Por exemplo, quando discute sobre o papel da informação social e sobre a visibilidade, e a seguir quando apresenta o tópico “biografia”, para logo discutir “os outros como biógrafos”. Em diversos dos trechos onde apresenta falas de indivíduos estigmatizados, como no seguinte; “ ‘ Aprendi também que o aleijado deve ter cuidado em não agir de maneira diferente da expectativa das pessoas...’ ” (1988, p. 121). E especificamente no capítulo quatro, que tem como título “O eu e seu outro”. Uma vez mais iremos recorrer a uma citação de Mead já realizada: “A pessoa é o outro, o outro organizado, generalizado se prefere-se. Um adota sua atitude, em contraste com a pessoa do ‘outro’”. (1973, p. 221). O conceito de outro que é outro ponto central para Goffman, também é legado de Mead. E uma vez mais, mesmo apresentando uma alusão tão clara ao mestre, Goffman vai além, não somente pela aplicação dos conceitos de Mead a uma área ainda não estudada, mas também pelo tratamento teórico que dá à categoria “outro” em relação aos conceitos de “desvio” e “comportamento desviante”.

## À título de conclusão

Como anunciado na parte introdutória, para realizar esta parte final relacionaremos as obras dos dois autores às categorias propostas por Burrell e Morgan (1979). Esses, ao discutirem as bases filosóficas e teorias de sociedade que são base para as ciências sociais, propõem um modelo calcado em dois eixos transversais, cada um deles representando dimensões distintas da teorização em ciências sociais. Um desses eixos contém a dimensão paradigmática objetivo-subjetivo, que remete à questão ontológica básica, se a realidade apresenta uma existência *per se* além da consciência do indivíduo, ou se é produto desta consciência. Tomado esse eixo, claramente os dois autores em pauta mantêm uma posição interacionista, considerando tanto o papel da consciência quanto a existência de uma realidade externa à consciência. Em relação aos extremos nominalista e realista desse eixo, os autores em pauta encontram-se no centro.

Refinando um pouco mais a discussão, passemos aos planos contidos nestes eixos. O primeiro plano é o ontológico, e novamente aqui verificamos uma coincidência entre Mead e Goffman. O conceito de indivíduo indissociado da realidade social imediata

que Mead apresentou é, como nos esforçamos para apontar acima, o utilizado por Goffman. O plano seguinte é o epistemológico. Nesse plano também encontramos um nível de coincidência entre os dois autores, no que se refere aos pressupostos básicos sobre a noção de verdade “externa e real” ou subjetiva. Como dito, os dois são interacionistas e consideram a existência de uma realidade externa ao sujeito e a consciência como instância de organização de dados sobre o mundo externo. Em outro plano, se tomamos o conceito de “episteme”, de conjunto de conhecimentos articulados, histórica e contextualmente, verificamos distinções entre os autores. Mead, respeitadas às peculiaridades de sua teorização, fez parte do movimento pragmatista americano, e compactuou de idéias e ideais com os outros teóricos pragmatistas americanos de sua época. Já Goffman não pode ser afiliado ao movimento pragmatista. Faz parte de uma nova geração de cientistas sociais americanos que propõe um *revisionismo* sobre os pressupostos de seus mestres. Um terceiro plano é o metodológico e novamente encontraremos uma superposição parcial entre os autores. Obviamente, os pressupostos sobre a natureza do ser e sobre a relação entre o homem e a natureza determinam as possibilidades de intervenção empírica. Se há uma coincidência entre os autores no primeiro nível, há de se esperar nova superposição neste. No caso em pauta, Goffman apresenta uma obra *sui generis* também pelo fato de utilizar-se de instrumentos metodológicos novos, no caso da aplicação dos métodos de pesquisa antropológica para a investigação sobre as interações micro-sociais. Nossa suposição é que essa aplicação da metodologia antropológica foi pouco utilizada por Mead, mas os seus pressupostos apontam para o seu uso. Neste caso, as particularidades do trabalho de Goffman seriam também devedoras da teorização de seu mestre.

O eixo transversal do modelo de Burrell e Morgan (1979) refere-se ao conceito de sociedade. Os extremos desse eixo apresentam, de um lado, a concepção de sociedade enquanto ordem e, do outro, como conflito. A primeira concepção não pressupõe a inexistência de conflitos sociais, mas a sua importância é minorada, pois são considerados como integrantes parte de processos sociais adaptativos, isto é, o modelo social no final das contas é integrador e tende à estabilidade e coordenação. No extremo oposto, há a consideração que o conflito é característica básica da sociedade, ou pelo menos dos modelos sociais vigentes. O modelo de Burrell e Morgan vem sendo retomado e discutido por diversos autores, que se propõem a discutir o fazer científico (como exemplos ver a sistematização feita por Guba, 1990, e a discussão derivada desta sobre a pesquisa em educação no Brasil feita por Alves-Mazzoti, 1996). Montero (2000) também retoma o modelo, defende que este eixo deve ser examinado em dois planos, político e ético, e tece críticas às teorias da psicologia e das ciências sociais justamente por não se preocuparem com esses níveis. Estaremos nos arriscando em

algumas especulações sobre as obras de Mead e Goffman, particularmente no primeiro destes planos, o político. A teorização de Mead pode ser caracterizada como compatível com as proposições políticas de uma sociedade liberal, onde a racionalidade do homem é julgada capaz de resolver os conflitos. No entanto a teorização de Goffman, particularmente a constante das obras “Estigma...” e “Manicômios...” apresentam uma visão de conflito da sociedade. De nosso ponto de vista, a aplicação dos pressupostos à realidade, em forma de pesquisa empírica, trouxe à tona as contradições e os conflitos sociais, e possivelmente seja este o motivo da apreciação e difusão no Brasil justamente destas obras onde Goffman discute as rupturas que encontra nas relações micro-sociais. Estamos, portanto, contradizendo o que afirmamos acima sobre a importância relativa das obras, baseados em um outro critério. Se “A Representação do outro na vida cotidiana” é vital para a teorização posterior e na obra de Goffman os estudos que seguiram demonstram que quantitativamente ela prevalece, qualitativamente as obras “Estigma...” e “Manicômios...” são importantes por representarem a ruptura com proposições de um modelo de sociedade liberal, ou no mínimo por apontarem contradições inegáveis desta.

Sintetizando o exercício que realizamos, apontamos elementos que nos levam a considerar a coincidência das propostas de Mead e Goffman, no plano ontológico, mas, nos planos epistemológico, metodológico e político, o trabalho de Goffman se ancorou nas proposições de Mead, mas se diferenciou e apresentou novidades.

## Referências

- BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological Paradigms and Organization Analysis*. London: Heinemann, 1979. Tradução não publicada de Mary Jane Spink.
- GOFFMAN, E.. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988. 4ª Ed.
- MEAD, G. *Espírito, persona e sociedad*. Barcelona: Paidós, 1973.
- MONTERO, M. Ethics and Politics in Psychology. Twilight Dimensions. Primer Congreso Internacional de Doctorandos en Psicología Social. Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona, 2000.
- MUNNÉ, F. *Entre el individuo y la sociedad: Marcos y Teorías Actuales sobre el Comportamiento Interpersonal*. Barcelona: PPU, 1989.
- SASS, O. *Crítica da razão solitária: a Psicologia Social de George Herbert Mead*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo [Tese de Doutorado], 1992.